

# Cadernos Espinosanos



ESPECIAL MARILENA CHAUI

ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 36 jan-jun 2017 ISSN 1413-6651

IMAGEM foto dos livros de Marilena Chaui por Henrique Piccinato Xavier

# MARILENA CHAUI: A FILOSOFIA, A DÍVIDA E O DOM

Olgária Matos

Professora, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

olgariam@gmail.com

RESUMO: Esta apresentação do pensamento de Marilena Chaui procura mostrar o alcance tanto filosófico quanto acadêmico e político de sua obra, bem como sua presença no espaço público. Neste sentido, Marilena Chaui desenvolveu trabalhos de Mestre e autora, segundo uma perspectiva singular, pois, para Marilena Chaui, a Filosofia não é apenas uma profissão, mas uma vocação. Assim, também, no Departamento de Filosofia, mais do que uma carreira, Marilena realizou uma história, história que marca nossa identidade de Departamento e de Universidade. Com erudição filosófica, literária e histórica, seus escritos e ensinamentos generosamente se destinam ao especialista, ao aprendiz e o grande público leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Mestre, Vocação, Universidade, Erudição, Gratidão.

O lançamento do segundo volume de *A Nervura do Real* completa o *corpus* filosófico da obra de Marilena Chaui, *corpus* no qual cada escrito é a etapa de um objetivo único: a desreificação de conceitos, segundo um método em que o filosófico, o epistêmico e o cultural não se separam. Método que é a atitude intelectual que, antes de julgar o valor de uma ideia, preocupa-se em determinar em que medida ela torna o mundo mais inteligível, restringindo, assim, o poder da contingência sobre nós, à distância de qualquer ortodoxia e dos jogos de poder que a ela se associam. É o que Marilena elaborou e transmitiu ao Departamento de Filosofia e à Universidade, ao analisar a fenomenologia, a obra de Merleau-Ponty e os clássicos segundo o método que busca a “gênese” das questões e seu tratamento pelos filósofos. Ao se referir ao teológico-político em Espinosa, Marilena escreve: “aquele que pretende conhecer um texto é obrigado a assumir a natureza textual do objeto que investiga. A regra fundamental do trabalho histórico consiste em nunca perder de vista a língua em que o documento foi escrito[...]. A linguagem [...] é a única via de acesso à mente dos hebreus, ao espírito hebraico, isto é, a seu sentido. Na produtividade corpórea da linguagem inscreve-se a produtividade mental do sentido[...]. Portadora de sentido, a linguagem faz com que o ato de ler a Escritura seja o de buscar o espírito de sua letra. Nem espiritualismo metafórico nem farisaísmo da letra: a filologia do *Teológico-Político* não admite a separação da forma e do conteúdo” (CHAUI, 2003, p 19.) Aliando o *esprit géométrique* ao *esprit de finesse*, Marilena marcou a história da interpretação de textos ao não privilegiar a “letra” em prejuízo do “espírito”, nem o “espírito” mais que a “letra”, conferindo significado aos conceitos à luz do estilo, da história e da “organização retórica do pensamento”. Foi esse método que permitiu compreender a relação do autor com sua obra, a data em que ela foi escrita, suas intenções subjacentes, contra o que o autor es-

creveu, seus destinatários preferenciais. Assim, Marilena dá continuidade à tradição das experiências acadêmicas e políticas de seus mestres Cruz Costa e Lívio Teixeira, dos professores Bento Prado Jr., Profa. Gilda de Mello e Souza, Prof. Porchat e Prof. Giannotti, prof. Victor Knoll, junto a seus colegas como Luis Roberto Salinas Fortes, Rubens Rodrigues Torres Filho, João Paulo Monteiro e Paulo Arantes em particular, tributários todos, por sua vez, dos mestres fundadores, os professores franceses Maugüé, Bastide, Granger e Goldschmidt, entre outros. Com a herança dos Mestres que singularizaram sua história, Marilena compôs uma nova figura do departamento, reunindo passado e futuro, na dívida genealógica que se desdobra na criatividade estruturante do Departamento.

Foi assim que nos anos 1980 Marilena e Maria Sylvia Carvalho Franco introduziram no Departamento de Filosofia a área de Filosofia Medieval e do Renascimento, ausentes desde a fundação da Universidade que, com seus pressupostos iluministas e positivistas, excluía tudo o que se encontrasse no âmbito da reflexão teológica e da religião. E, com seus estudos sobre La Boétie e a questão da servidão voluntária, Marilena introduzia, no Departamento de Filosofia, o pensamento filosófico da Renascença, até então considerados extra-filosóficos ou não-filosóficos, questões a que Marilena retornaria em seu ensaio “o Mau Encontro”, sobre a concepção política da amizade nos clássicos e sua nova perspectiva em La Boétie, no Colóquio comemorativo dos quinhentos anos da Conquista em 1992. Neste ensaio, Marilena observa que o mau encontro se revela no momento em que a submissão a que os homens se vêem forçados pela contingência de uma força tirânica torna-se necessidade pela Fortuna que, inconstante, caprichosa e incerta, destitui os indivíduos de sua livre ação, quando o exercício do poder é naturalizado.

No horizonte do fortalecimento acadêmico do Departamento de Filosofia e de sua figura pública, Marilena, em palestra Magna, realizou a Abertura da 29ª reunião anual da SBPC Em 1977 em luta pela redemocratização do país nos anos de nossa “meia-noite” da História. Assim, nos tempos de ditadura, Marilena apresentou para milhares de participantes – e de maneira inaugural – o pensamento de Pierre Clastres, que passou a constituir um dos temas de estudos da disciplina de ética e filosofia política em nosso departamento e nas Universidades. Com efeito, Marilena mostrava como Clastres opunha, por um lado, o Estado como poder separado da sociedade e que se exerce sobre ela, mecanismo hobbesiano destinado a evitar a guerra em uma sociedade dividida e, de outro, a guerra primitiva, como prática ritual de prevenção do surgimento do Estado, guerra de “guerreiros”, e não guerra de “militares”, guerreiros antes de tudo contra a exterioridade da lei, do mercado, da escrita, da história e do Estado. Marilena voltaria a Clastres, mais recentemente, no ensaio “Contra Um, contra o Estado: o contra-discurso de Clastres e La Boétie”, apresentado no *Colóquio Clastres* de Paris em 2011.

No período de resistência à Ditadura e ao risco de intervenção civil-militar na Universidade e no departamento que teve seus membros cassados ou exilados, Marilena ampliou as áreas de estudo com análises sobre ideologia e sobre a gênese e perpetuação do pensamento autoritário em *O que é Ideologia*; e, refletindo sobre o Brasil, prolonga suas reflexões em *Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista brasileira* e *Brasil: Mito Fundador e sociedade autoritária*, entre outros. Marilena representa, assim, não o “intelectual engajado” – já que, diante de antagonismos por demais resistentes, o engajamento dispensa de antemão quem vier a se desligar dele – mas o intelectual como portador de uma

promessa, pois prometer é abrir o tempo e dar o porvir, diferentemente do engajamento que dá um futuro pré-delineado em seus traços mais gerais. O porvir é feito de abertura, é a dimensão do instituinte, o que dá sentido ao futuro, como a origem dá sentido ao passado. Em cursos e escritos, Marilena desenvolveu estudos sobre as relações entre filosofia e psicanálise, as raízes filosóficas de seus conceitos e atribuições, bem como introduziu, no departamento de Filosofia e na Universidade, o estruturalismo filosófico de Lévi-Strauss.

Com Marilena, o Departamento teve seu reconhecimento institucional ampliado dos espaços universitários para o espaço público, dando sentido à observação de Jean-Pierre Vernant, que observava que a Grécia clássica inventou a Filosofia e a Política porque “a filosofia é filha da cidade”. A vida na cidade é a certidão de nascimento do estado civil do pensamento crítico, a racionalidade sendo indissociável da cidade, porque é ela que permite o debate público argumentado e livremente contraditório. Neste sentido, Marilena foi Secretária da Cultura da Cidade de São Paulo, ocasião em que o cotidiano da administração das coisas não teve poder sobre as realizações culturais, a começar pela política de “Democracia e Cidadania Cultural”, que por sua vez, beneficiou o Departamento de Filosofia com a abertura de áreas de conhecimento como o pensamento de Hannah Arendt, Claude Lefort e Cornelius Castoriadis, entre outros. Com estes pensadores do totalitarismo, Marilena se voltou para a crítica da burocracia, enfatizando a perversão das regras e das leis, atenta à maneira segundo a qual, na burocracia, as finalidades das regras são as da administração e as da administração são as da burocracia. Neste sentido, Marilena nos mostra que o respeito a regras burocráticas cria uma universalidade imaginária, a ideologia da “racionalidade-legal” que, por sua vez, serve aos objetivos administra-

tivos e protocolares, ao estabelecimento da mentalidade de “tabelião”. Com a burocratização, todas as atividades tendem a se subordinar a regras cujo sentido, origem e finalidade nos escapam. Marilena compreende a burocracia com o conceito, por ela cunhado de “discurso competente” como forma de dominação, segundo o qual é o cargo formal ocupado que confere competência e não a competência que dá direito ao cargo, com o que se produzem disfunções de que os indivíduos são responsabilizados. Assim, mostra Marilena, a burocracia desenvolve um sistema de controle através de normas técnico-administrativas que são “processos sem sujeito”, adquirindo as características da transcendência. Neste sentido, Marilena escreve: “essa *ratio* é teológica na medida em que conserva, tanto em política como em ideologia, dois traços fundamentais do poder teológico: de um lado, a admissão da transcendência do poder face àquilo sobre o que este se exerce (Deus face ao mundo criado, o Estado face à sociedade, a objetividade das ideias face àquilo que é conhecido); por outro lado, a admissão de que somente um poder separado e externo tem força para unificar aquilo sobre o que se exerce (Deus unifica o mundo criado, o Estado unifica a sociedade, a objetividade unifica o mundo inteligível)” (CHAUI, 1997, p 6). Estas análises críticas se consagraram no conceito de “contra-discurso” e também nos estudos de Marilena sobre a Universidade.

Em conferências e publicações sobre a Universidade pública e sua crise de identidade, Marilena reflete sobre a conversão da Universidade cultural e crítica – baseada na ideia de formação – em Universidade organizacional que se adapta à economia e ao *establishment*. Marilena observa: “O que significa exatamente formação? Antes de mais nada, como a própria palavra indica, uma relação com o tempo: é introduzir alguém ao passado de sua cultura (no sentido antropológico do termo,

isto é, como ordem simbólica ou de relação com o ausente), é despertar alguém para as questões que esse passado engendra para o presente, e é estimular a passagem do instituído ao instituinte. [...] A obra de pensamento só é fecunda quando pensa e diz o que sem ela não poderia ser pensado nem dito [...], criando em seu próprio interior a posteridade que irá superá-la. Ao instituir o novo sobre o que estava sedimentado na cultura, a obra de arte e de pensamento reabre o tempo e forma o futuro [...], quando o presente é apreendido como aquilo que exige de nós o trabalho da interrogação, da reflexão e da crítica, de tal maneira que nos tornamos capazes de elevar ao plano do conceito o que foi experimentado como questão, pergunta, problema, dificuldade” (CHAUI, 2003b, p.12).

Marilena tem destacado as consequências da crise de identidade da Universidade e da dissolução progressiva de sua autonomia. As reestruturações constantes da Educação e a perda da centralidade do professor-pesquisador destroem os equilíbrios instituídos entre os membros da Universidade e sua cultura. A informação e a comunicação se converteram em diversas formas de controle através de programas computacionais e de algoritmos concebidos para esses fins. Marilena nos mostra que, por detrás destes dispositivos, há uma “visão de mundo” baseada no desengajamento do Estado e na metamorfose de suas funções, tendo o Estado abandonado suas prerrogativas ao mercado, favorecendo a sanção de um valor pela opinião, o interesse público se transformando em interesse de gestão que, com suas máquinas imateriais, mas bem reais, impõem protocolos padronizados, regras e guias práticos. A norma é agora portadora de um poder e não um princípio de inteligibilidade e orientação, e é com ela que o poder se legitima: “Ao se tornarem forças produtivas, o conhecimento e a informação passaram a compor o pró-

prio capital, que passa a depender disso para sua acumulação e reprodução. Na medida em que, na forma atual do capitalismo, a hegemonia econômica pertence ao capital financeiro e não ao capital produtivo, a informação prevalece sobre o próprio conhecimento [...]. Em outras palavras, a assim chamada *sociedade do conhecimento*, do ponto de vista da informação, é regida pela lógica do mercado (sobretudo o financeiro), de sorte que ela não é propícia nem favorável à ação política da sociedade civil e ao desenvolvimento efetivo de informações e conhecimentos necessários à vida social e cultural.” (CHAUI, 2003b, pp.8-9).

Como orientadora, Marilena formou pesquisadores em todas as áreas da Filosofia e das Humanidades, não somente com sua dedicação à leitura, comentários, sugestões aos planos de trabalho, dos capítulos das teses e oferecimento de bibliografia, mas, de maneira essencial, por não interferir em escolhas de autores, temas e tratamento das questões, desenvolvendo um trabalho de acompanhamento exigente e generoso. Como professora, Marilena representa o encontro com o conhecimento que é o encontro com a palavra do Mestre como puro dom, como doação que não espera retribuição. Como Derrida observa: “Para haver dom, é preciso não somente que o donatário ou o doador não perceba o dom como tal, que ele não tenha nem consciência, nem memória [...]; é preciso também que o esqueça no próprio instante e até mesmo que este esquecimento seja tão radical que ultrapasse até mesmo a categoria psicanalítica do esquecimento [...]. O esquecimento estaria na condição do dom e o dom na condição do esquecimento, poder-se-ia dizer.” (DERRIDA, 1991, pp. 29-32) O doar como pura gratuidade subverte a ordem da motivação, pois quem recebe o dom retribui com o reconhecimento da gratuidade do dom. Com Marilena o conhecimento é

um dom, e o conhecimento doado é, com Marilena, um direito, direito doado como prazer de aprender como um incondicionado.

Marilena é professora e Mestre. Mestre é aquele que - ao fazer o comentário de uma obra, comentário que clarifica o que se lê, que desfaz sua obscuridade e dificuldades - grava em nós um sinal, deixa uma marca, com a custódia, não de um saber definitivo, mas do texto que parece escrito em uma língua estrangeira e que, pelo milagre da transmissão através de sua análise e interpretação, torna-se compreensível: “Um Mestre”, diz Recalcati, “é aquele de quem não esquecemos o nome, [...] que deixou uma marca que não é [primordialmente] intelectual, pois podemos ter esquecido o conteúdo das aulas; o que não se esquece é o fascínio, a presença, o estilo, a voz [...]. Na mão do Mestre, o livro se torna um corpo, o professor sabe onde há uma dificuldade, uma ênfase, uma vírgula, um ponto-e-vírgula, reticências, dando alma ao desejo de saber, transferindo-o aos alunos. Übertragung quer dizer: um transpor e um transportar no sentido erótico de um enamoramento, e esse encontro amplia a experiência do mundo [...]. Esse encontro é iniciação ao erotismo da leitura, não é consumo alucinatório do objeto, mas o caminho longo da leitura. Esse encontro é a definição do amor” (RECALCATI, 2014).

Assim, neste momento, o departamento quer honrar a Marilena. Honrar é marcar que se foi marcado, é atestar que devemos o que somos a quem admiramos. Para você Marilena, nossa gratidão infinita. Para você, tudo.

MARILENA CHAUI: THE PHILOSOPHY,  
THE DEBT AND THE GIFT

ABSTRACT: This presentation of Marilena Chaui's thought seeks to show not only the philosophical and academic, but also the political reach of her work, as well as her presence in the public sphere. In this sense, both as master and author, Marilena Chaui has developed works from a unique perspective, because for her philosophy is not just a profession, but most importantly a vocation.. Therefore, in the Philosophy Department, more than a career, Marilena has accomplished history – a history that marks both the identities of our department and of our University. With philosophical, literary and historical erudition, her writings and teachings were generously meant for the specialist, the apprentice and the general reading public.

KEYWORDS: master, vocation, University, erudition, gratitude, debt, gift.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAUI, M. S. (1997). *Cultura e Democracia*, São Paulo: Editora Cortez.
- \_\_\_\_\_. (2003a). “O hieróglifo decifrado: escrever e ler” in: *Política em Espinosa*, São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (2003b). “A universidade pública sob nova perspectiva” in: *Revista de Educação*, nº24.
- \_\_\_\_\_. (2011). “Contra Um, contra o Estado: o contra-discurso de Clastres e La Boétie”, *Cahier Pierre Clastres*, org; Miguel Abensour et Anne Kupiec, ed. Sens et Tonka, Paris, 2011.
- DERRIDA, J. (1991) *Donner le temps*, Paris : Galilée.
- RECALCATI, M. (2014). *L'ora di lezione. Per un'erotica dell'insegnamento*, Torino: Einaudi.